

## O INFANTE NA ALEMANHA. EPISÓDIOS DE UMA DESCOBERTA HISTORIOGRÁFICA NO SÉCULO XIX

MARÍLIA DOS SANTOS LOPES

Universidade Católica Portuguesa  
Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC)

A publicação em língua alemã de uma obra como as *Untersuchungen über die geographischen Entdeckungen der Portugiesen unter Heinrich dem Seefahrer*<sup>1</sup>, mormente “Observações sobre os descobrimentos geográficos dos portugueses sob Henrique, o Navegador”<sup>2</sup>, não constitui uma novidade no panorama editorial alemão<sup>3</sup>. O Império Romano-Germânico sempre devotou às iniciativas marítimas portuguesas um interesse regular e constante, como testemunha, por exemplo, a tradução da obra de Cândido Lusitano, pseudónimo de Jacinto José Freire, em 1783<sup>4</sup>. Parece-nos, contudo, de salientar que o estudo de Johann Eduard Wappäus (1812-1879) representa uma das primeiras obras da historiografia alemã a debruçar-se, na segunda metade do século XIX, sobre os descobrimentos portugueses em geral e sobre a figura do Infante em particular.

Não esquecendo que não lhe foi alheia a publicação das obras do Visconde de Santarém, como a *Crónica da Guiné* de Gomes Eanes de

<sup>1</sup> Johann Eduard Wappäus, *Untersuchungen über die geographischen Entdeckungen der Portugiesen unter Heinrich dem Seefahrer, Ein Beitrag zur Geschichte des Seehandels und der Geographie im Mittelalter*. 1 Teil, Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1842.

<sup>2</sup> Todas as traduções de títulos ou excertos de obras em língua alemã são da nossa autoria.

<sup>3</sup> Veja-se entre outros, Marília dos Santos Lopes, *Da Descoberta ao Saber. Os Conhecimentos sobre África na Europa dos Séculos XVI e XVII*, Viseu, passagem, 2002; Marília dos Santos Lopes, “Os Descobrimentos Portugueses e a Alemanha”, in *Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários*, coordenação e prefácio Maria Manuela G. Delille, 1 vol., Coimbra, Minervacoimbra, 2007, pp. 29-60.

<sup>4</sup> Cândido Lusitano, *Vida do Infante D. Henrique, escrita, e dedicada a majestade fidelíssima de elrey D. Joseph I, nosso senhor*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Frnacio Luiz Ameno, 1763 publicada em língua alemã: *Geschichte der ersten portugiesischen Entdeckungen unter Infant Heinrich, dem Seefahrer, Grosmeister des Christusordens*, Halle, Verlag des Waisenhauses, 1783.

Zurara<sup>5</sup>, cuja publicação o autor refere como um importante contributo para o seu trabalho, o certo é, tal como o autor menciona, este seu livro surge no seguimento do seu interesse científico por temáticas geográficas de um modo geral e por questões relacionadas com o continente africano em particular.

Na verdade, quando, em 1842, as *Observações* vêm a lume, Johann Eduard Wappäus já detinha um curriculum académico sólido<sup>6</sup>, como discípulo do famoso geógrafo, Carl Ritter (1779-1859), o primeiro professor a obter uma cátedra em Geografia, na Alemanha, concretamente, em 1820 na Universidade de Berlim. Equiparado no seu empenho e saber a Alexander von Humboldt (1769-1859), de quem era coevo, Carl Ritter teve grande influência no estabelecimento e consolidação dos estudos geográficos na Alemanha, revelando sempre um especial interesse pelos mundos além-mar, em particular por África.

Entretanto, Johann Eduard Wappäus concluíra, no ano de 1836, a sua dissertação sobre *De oceani fluminibus specimen: de momento oceani fluminum in navigationes et physicas terrae rationes*, reflexo do mencionado interesse pelas navegações e, nos anos de 1833 e 1834, realizara uma viagem a Cabo Verde e ao Brasil, viagem esta que lhe permitiria não só aprofundar as suas ambições científicas, bem como aprender português e espanhol, línguas que lhe virão a ser úteis para trabalhos futuros, mormente sobre o Brasil e outros países da América Latina.

Convém salientar que Johann Eduard Wappäus descendia de uma mais importantes famílias de armadores e comerciantes da cidade hanseática de Hamburgo, cidade que desde há muito detinha fortes e regulares relações comerciais com Portugal, África e Brasil, tal como sabemos pelos trabalhos do conhecido historiador alemão Hermann Kellenbenz (1913-1990)<sup>7</sup>. Este ambiente familiar e de proximidade com outras realidades e países, reforçou o seu interesse pela geografia cultural. Podendo aliar a experiência e o conhecimento pessoal ao desejo de saber, Johann Eduard Wappäus irá, por conseguinte, debruçar-se também nos seus trabalhos científicos às reali-

## N

<sup>5</sup> Gomes Eannes de Azurara, *Chronica do descobrimento e conquista da Guiné...*, Paris, Aillaud, 1841 e Visconde de Santarem, *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portugueses na costa d'África occidental, para servir de illustração a chronica da conquista da Guiné por Azurara*, Pariz, Ailland, 1841.

<sup>6</sup> Wilhelm Wolkenhauer, „Wappäus, Johann Eduard“, in *Allgemeine Deutsche Biographie*, herausgegeben von der Historischen Kommission bei der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 41 (1896), 162–165.

<sup>7</sup> Hermann Kellenbenz, *Unternehmerkräfte im Hamburger Portugal- und Spanienhandel 1590-1625*, Hamburg, Verlag der Hamburgischen Bücherei, 1954.

dades não-europeias, mormente ao estudo da América Latina, como o comprova a obra *O Brasil geographico e histórico* (1884)<sup>8</sup> – mais tarde virá ainda a ser Cônsul do Chile e da Argentina na Alemanha, assim como seu pai já fora da Venezuela<sup>9</sup>.

Estas, por certo, algumas das razões subjacentes à elaboração e feitura de “Observações sobre os descobrimentos geográficos dos portugueses sob Henrique, o Navegador”. Um trabalho que, como o subtítulo indica, pretende ser “um contributo para a história do comércio marítimo e da geografia da Idade Média” (*Ein Beitrag zur Geschichte des Seehandels und der Geographie im Mittelalter*).

É neste panorama, em que traça os inícios da navegação marítima, que Johann Eduard Wappäus evoca o nome do Infante português para sublinhar o seu importante papel no prosseguimento das viagens marítimas europeias. Destaca, como muitos outros historiadores o irão fazer mais tarde que, ao contrário do que se poderia esperar não seriam os italianos, nem os espanhóis que iriam promover o impulso na busca de novos caminhos. Na verdade, e se tudo parecia indiciar que as repúblicas italianas estariam mais vocacionadas para este novo projecto, seria surpreendentemente um povo que, apesar da sua favorável situação geográfica, era o que menos preparado parecia estar para novos desafios. Neste contexto, o autor introduz a figura do Infante, referindo-se-lhe da seguinte forma:

Neste povo encontrava-se o homem, superior por nascimento e dotado de todas as capacidades para tal [acção] necessárias, que reconhecido o verdadeiro caminho, sem dúvidas e hesitações, tomou a si tudo o que as outras duas nações vizinhas tinham a mais que o seu povo em conhecimentos geográficos e náuticos. Este foi o filho do cavaleiro e rei João I de Portugal, o Infante Dom Henrique, a quem a grata nação atribuiu o honroso nome de “O Navegador”, um homem que ocupou um lugar de relevância na história do progresso da cultura humana, mas que, quase, foi esquecido devido aos sucessos posteriores obtidos pelas viagens marítimas de um Vasco da Gama ou de um Cristóvão Colombo<sup>10</sup>.

N

<sup>8</sup> Georg Eduard Wappäus, *O Brasil geographico e histórico*, Rio de Janeiro, Leuzinger, 1884.

<sup>9</sup> Annette Christine Vogt, *Ein Hamburger Beitrag zur Entwicklung des Welthandels im 19. Jahrhundert. Die Kaufmannsreederei Wappäus im internationalen Handel Venezuelas und der dänischen sowie niederländischen Antillen*, Stuttgart, Steiner, 2003.

<sup>10</sup> “Unter diesen Volck fand sich aber der Mann, der, hochgestellt durch Geburt und ausgerüstet mit allen Eigenschaften, die dazu gehören, einen einmal als den richtigen erkann-ten Weg ohne Bedenken und Zögern zu verfolgen, zugleich in sich alles das aufgenommen hatte, was die beiden Nachbarnationen in geographischer und nautischer Bildung vor seinem Volke voraus hatten. Dies war der Sohn des ritterlichen Königs Johann des ersten von Portugal, der Infant Don Heinrich, dem die dankbare Nation den ehrenvollen Beinamen

Segundo Johann Eduard Wappäus, o infante D. Henrique foi assim o homem que soube estar à altura do momento de mudança e de abertura de novos rumos nas empresas europeias. E, com estas suas palavras, o autor reconhece na figura do Infante, ainda antes da obra de Richard Henry Major (1818-1891)<sup>11</sup> que, como bem sublinhou Maria Isabel João<sup>12</sup>, irá ter maior peso sobre a imagem internacional do Infante, uma importância e um valor inequívocos para a empresa marítima. Na sua apreciação, Johann Eduard Wappäus enaltece sobretudo as qualidades do mentor do projecto, um homem tenaz que, sem “dúvidas e hesitações”, soube reconhecer o desafio da história. Por estas razões, considera estar-lhe reservado um lugar na história da “cultura humana”, o qual lhe teria estado ofuscado pela grandeza de outros grandes feitos, cuja realização não teria sido possível sem o esforço e empenho destes primeiros passos incentivados pelo Infante. Este seu argumento recorda-nos posições defendidas, por exemplo, por Adam Smith (1723-1798) – que Wappäus bem poderia conhecer – que, na obra *A Riqueza das Nações*, apresenta as viagens de Vasco da Gama e de Cristóvão Colombo como os dois acontecimentos mais importantes na história da humanidade<sup>13</sup>.

Se na caracterização que Wappäus traça do Infante permanece a ideia já esboçada pelos cronistas portugueses de um homem enérgico, tenaz e firme nos seus rumos, é de notar que não se alude a outras virtudes e grandezas que lhe são muitas vezes associadas, mormente o seu modo casto e de homem religioso. Pelo contrário, como vimos, é o mérito de um homem estudioso e de saber que norteia o seu retrato, e que conduz a uma nova tônica: o seu papel universal na história da humanidade – exactamente, nesta altura, o igualmente estudante em Berlim, Jacob Burckhardt (1818-1897), preparava e redigia a sua obra sobre a cultura do Renascimento na Itália<sup>14</sup>, expressão deste mesmo profundo interesse pela descoberta do indi-

---

N

“der Seefahrer” gegeben, ein Mann der in der Geschichte der Fortschritte der menschlichen Kultur eine bedeutende Stelle einnimmt, der aber beinahe vergessen worden ist über die glänzenden Erfolge, welche die späteren Entdeckungsreisen eines Vasco da Gama und eines Columbus hatten.” Wappäus, *Untersuchungen über die geographischen Entdeckungen der Portugiesen*, pp. 3-4.

<sup>11</sup> Richard Henry Major, *The Life of Prince Henry of Portugal, surnamed the Navigator*, London, Asher, 1868.

<sup>12</sup> Maria Isabel João, *Mito e Memória do Infante D. Henrique*, Lagos, CML, 2004. Vd. também Maria Isabel João, “Sagres, lugar mítico da memória”, in *Des(a)fiando discursos: Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*, Lisboa, Universidade Aberta, 2005, pp. 409-422.

<sup>13</sup> Adam Smith, *Inquérito sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, Lisboa, FCG, 1989, vol. II, p. 96.

<sup>14</sup> Jacob Burckhardt, *O Renascimento Italiano*, Lisboa, Presença, 1973.

víduo moderno, culto e empreendedor, e do seu papel no fluir da história. A singularidade e a importância do projecto marítimo legitimam a homenagem e o reconhecimento ao seu dirigente.

Não o vimos, por isso, deter-se longamente sobre o papel do Infante na conquista de Ceuta, ou nas empresas no Norte de África em geral, nem mencionar intentos religiosos na busca da orla costeira africana. Pelo contrário, é o projecto moderno e inovador de descoberta de novos mares, terras e povos que Wappäus pretende apresentar e explicar.

O seu intento não é, como o de Richard Henry Major, membro fundador da famosa Hakluyt Society, e cuja obra só virá a lume em 1868, ou seja, dezasseis anos mais tarde do que a obra de Johann Eduard Wappäus, a de escrever uma biografia. Na verdade, importa-lhe apresentar, minuciosa e cuidadosamente, o contexto do desafio geográfico e náutico em que o Infante revelou postura científica e de liderança: os conhecimentos existentes sobre África.

No traçar do perfil do Infante, Wappäus destaca dois períodos referentes às expedições “por mares nunca dantes navegados”. O primeiro estender-se-ia da conquista de Ceuta à descoberta e colonização as ilhas atlânticas. Nesta primeira fase, realizar-se-iam ainda algumas expedições ao longo da costa africana, mais concretamente até ao Cabo Não, mas, a seu ver, o Infante estaria de certa forma já satisfeito com os rendimentos, nomeadamente com os sucessos da planta sacarina trazida do Chipre, pelo que só dez anos mais tarde, como destaca, se irá dedicar de novo à navegação da costa africana.

O avanço no Atlântico, tal como pretende frisar, iria originar adversas posições que, várias e repetidas vezes, aludiriam à inutilidade da empresa e das forças e meios investidos, argumentando, que mesmo que se conseguisse alcançar costa mais para sul, esta não seria habitada. Todavia, as viagens tornar-se-iam cada vez mais regulares e o intuito de navegar para sul seria o grande lema do Infante. As inglórias e infrutíferas viagens seriam recompensadas com a passagem do cabo Bojador e o comércio do ouro na ilha de Arguim viriam legitimar a continuação de expedições para sul. Wappäus revela, pois, entre outros aspectos, um bom conhecimento dos cronistas portugueses, que menciona nesta sua exposição, tais como João de Barros, Rui de Pina e naturalmente Gomes Eanes de Zurara.

Por fim, o autor defende que, se no primeiro período não se pode falar de um claro objectivo nas buscas do Infante, já no segundo período pensa poder afirmar-se que o Infante, conhecedor de notícias que teria tido através dos árabes, não pretendia apenas alcançar as terras africanas, mas sim a terra das especiarias, situada na longínqua Índia. O estudo de obras e mapas geográficos, a que entretanto teria tido acesso, lhe teriam dado este

saber e informes. A sua obra será pois, em grande parte, a apresentação destas fontes, notícias, mapas e outros materiais, que o Infante poderia ter conhecido sobre África quer através dos árabes, quer dos italianos, e que o teriam ajudado a definir o plano de atingir a Índia. Wappäus considera poder comprovar, com base nestas provas documentais, que a Índia estava no horizonte das navegações do Infante.

Johann Eduard Wappäus apresenta desde já traços da imagem que se irá solidificar sobre o Infante no século XIX: a do homem confiante nas capacidades humanas e nas virtudes do saber, capaz de iniciar um projecto inovador que revelou “novos mundos ao mundo” pelo que, como anotou, a sua glória não seria nacional, mas universal. Não esboça, contudo, a imagem do herói ou a do cruzado.

Catorze anos mais tarde, Gustav de Veer (1815-1876), em 1863, numa obra intitulada *Prinz Heinrich und seine Zeit* reproduz no frontispício: “Nicht nur Portugal, der ganzen Welt gehört er an” ([O Infante] Não pertence apenas a Portugal, mas ao mundo inteiro)<sup>15</sup>.

Estruturado como uma pequena história de Portugal, o livro narra, a partir das fontes portuguesas, como seja a obra de Gomes Eanes de Zurara quando se trata de apresentar o Infante. O trabalho realizado por Gustav de Veer não tem o mérito e o valor do de Johann Eduard Wappäus, visto que, em grande parte, nasceu de um trabalho fruto da afectividade que Veer ganhou por Portugal. Depois de vários anos como sacerdote em terras portuguesas, o autor sente o desafio de dar a conhecer aos seus compatriotas muito do que aprendera sobre o país e as suas gentes. Não deixa, contudo, de revelar um grande conhecimento das publicações portuguesas ou ainda de obras internacionais sobre Portugal, sendo, por isso, igualmente referenciado por Richard Henry Major. Um dos momentos em que Major se debruça sobre a obra de Veer é quando comenta a gravura do Infante aí publicada, em que não reconhece o perfil do seu biografado:

<sup>15</sup> Gustav de Veer, *Prinz Heinrich und seine Zeit*, Danzig, Kasemann, 1863.



I have but one of objection to make to Herr de Veer's otherwise interesting and able publication; viz. that he has inserted a fancy portrait of Prince Henry, a portrait not only based on no authority, but a slander on the masculine character of the Prince himself<sup>16</sup>.

A grande novidade do seu trabalho consiste em trazer novos elementos à imagem traçada do Infante. Assim, ao tecer o seu louvor a uma vida voltada para a ciência e para o estudo, Veer alude à fundação da escola de Sagres, onde, sob a direcção do Infante, se efectuariam mapas que iriam vigorar até ao tempo de cartógrafo Gerardo Mercator (1512-1594). Além disso, afirma que este teria construído o primeiro observatório em Portugal ou, talvez, na Europa, bem como melhorado alguns dos instrumentos náuticos.

Sete anos antes da publicação da obra de Gustav de Veer tinha vindo a lume em Portugal um artigo “Sobre alguns mathematicos portuguezes e estrangeiros domiciliarios em Portugal ou nas conquistas”, da pena de António Ribeiro Sanches<sup>17</sup>. Editado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1856, este trabalho refere precisamente a construção do obser-

N

<sup>16</sup> Richard Henry Major, *The Life of Prince Henry of Portugal*, XXII.

<sup>17</sup> António Ribeiro dos Santos, “Memórias Históricas sobre alguns Mathematicos Portuguezes e Estrangeiros Domiciliários em Portugal, ou nas Conquistas”, *Memórias de Literatura Portuguesa, Real Academia das Ciências*, vol. VIII (1812), pp. 148-229.

vatório astronómico, o primeiro de Portugal, aonde se teria chamado muitos estudiosos e pilotos experimentados. Talvez esta seja a fonte de Gustav de Veer, visto que o autor, conhecedor da língua portuguesa, poderia ter tido acesso a este trabalho. Na verdade, e apesar de não o referenciar, ao contrário de muita outra bibliografia portuguesa, podemos constatar que utiliza outros volumes publicados pela Academia Real das Ciências de Lisboa, pelo que não podemos excluir que tivesse conhecimento deste trabalho de António Ribeiro Sanches, como ainda revela conhecer bem os cronistas, mormente João de Barros e Damião de Góis, autores das primeiras observações sobre a escola do Infante e do seu ardor científico. Convem salientar que, depois da publicação da obra sobre o Infante, Gustav de Veer foi nomeado membro da Academia das Ciências e foi agraciado com a ordem de Cristo<sup>18</sup>.

Com estes dois breves exemplos podemos constatar como na Alemanha do século XIX se irá descobrir a figura do Infante D. Henrique, figura esta a que até então se tinha dado pouca atenção. O novo interesse pelo Infante verifica-se também quando se analisa os verbetes nas grandes enciclopédias desse tempo. Assim, se o *Zedlers Universal-Lexicon* tem ainda apenas uma curta entrada sobre “Heinrich” enquanto duque de Viseu, não lhe atribuída ainda o cognome de “Navegador”<sup>19</sup>, ao longo do século XIX, as entradas sobre o Infante destacam cada vez mais e com mais pormenores o seu papel na empresa marítima, como, p.ex., no *Brockhaus* de 1827<sup>20</sup>.

Tal como em Portugal, também na Alemanha é quando os autores se debruçam sobre as empresas além-mar e consequentes etapas no reconhecimento do mundo que reacende o interesse por um homem que soube, aos seus olhos, reunir condições e energias necessárias para dirigir um novo ciclo de expedições capazes de abrir um novo percurso e horizonte geográfico e cultural.

A imagem do Infante traçada na Alemanha do século XIX partilha, como tivemos oportunidade de destacar, referentes do imaginário português. Facto que por si não deixa de ser sobejamente interessante. Com efeito, não são razões nacionais ou patrióticas que motiva os autores quando delineiam um idêntico retrato daquele que consideram o protagonista de um projecto universal.

---

**N**

<sup>18</sup> Vd. as informações no frontispício da obra de Gustav de Veer, *Dank vom Haus Oesterreich, oder Der Infant D. Duarte*, Cassel, Luckhardt, 1869.

<sup>19</sup> *Grosses vollständiges Universallexicon aller Wissenschaften und Künste*, vol. 48, Halle & Leipzig, Zedler, 1740, p. 1821.

<sup>20</sup> *Allgemeine deutsche Real=Encyklopädie für die gebildeten Stände*, vol. 5, Leipzig, Brockhaus, 1827, pp. 179-180.

Ambas os textos são escritos anteriormente às grandes obras de referência nacional e internacional escritas no século XIX sobre o perfil do Infante, o que pensamos também ser um aspecto a ter em conta na imagem historiográfica do Infante – aliás, é isso que Richard Henry Major salienta na sua introdução quando escreve que “History, for its own sake, is more zealously cultivated in Germany than in England, and it is in Germany that of late years the name of Prince Henry the Navigator, almost unknown has been found to engage the attention of the learned”<sup>21</sup>.

Sem traçar um retrato muito pessoal ou privado do príncipe português, a historiografia alemã sobrevaloriza o papel do Infante como homem de estudo e de saber. É como tal que começa a fazer parte do imaginário alemão e europeu, tendo obtido o estatuto de uma figura emblemática da história global.

São igualmente as qualidades de alguém que procurava ir além do horizonte conhecido que reconhecemos num poema publicado pelo poeta Ferdinand von Freiligrath (1810-1876), onde mais uma vez se realça o interesse pelo desconhecido que o Infante representa. Escrito em 1833, o poema intitula-se “Heinrich der Seefahrer”:

Junto ao cabo Vicente  
numa torre com umbrais de mármore  
arde um facho de luz clara  
para a terra iluminar.

Mapas, diversos rolos  
ainda bússolas e quadrantes,  
na silenciosa biblioteca,  
estendem-se ao redor do Infante.

Nos salões de Belém ouvem-se  
canções e sussurros de graciosas damas  
mas o filho do rei encosta-se  
sério na janela alta.

É no além do mar em movimento  
que errante poussa o seu olhar  
para terras que só ele vê,  
pontes com os povos deseja.

<sup>21</sup> Richard Henry Major, *The Life of Prince Henry of Portugal*, XXI.

construir. A sua mão  
estende a coroas negras,  
embarcações enviou  
para terras estranhas descobrir. [...] <sup>22</sup>

## N

<sup>22</sup> “Bei dem Vorgebirg Vincent/ Steht ein Thurm mit Marmorschwellen/ Eine helle Fackel brennt/ Dort, den Erdball zu erhellen.// Karten, Rollen mancherlei,/Sammt Boussolen und Quadranten,/ In der stillen Bücherei/ Liegen dort um den Infanten.// In den Hallen Belem’s tönt/ Lied und Flüstern holder Damen; / Doch der Sohn des Königs lehnt/ Ernst am hohen Fensterrahmen.// Ueber das bewegte Meer/ Schweifen läßt er seine Blicke,/ Und nach Ländern, die nur Er/ Schaut, den Völkern eine Brücke/ Schlagen will er. Seine Hand/ Streckt er aus nach Negerkronen;/ Schiffe hat er ausgesandt,/ Zu entdecken fremde Zonen. [...]” Ferdinand Freiligrath, Gedichte, Stuttgart & Tübingen, Cotta, 1839, pp. 202-208.